



A RELAÇÃO HOMEM-NATUREZA NA GEOGRAFIA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM UMA ESCOLA DO SEMIÁRIDO BAIANO

Juliana Araújo Santos¹
Valdirene Santos Rocha Sousa²
Daiana De Andrade Matos³
Juvenal Lima Santos Junior⁴

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir as abordagens da questão ambiental na geografia de forma integrada aos conteúdos curriculares, com vistas a pensar a relação homem-natureza a partir da percepção dos estudantes do Ensino Fundamental I do Colégio Dominium, localizado na cidade de Teofilândia, município que integra o Território de Identidade do Sisal, semiárido baiano. Metodologicamente, o estudo estrutura-se enquanto uma pesquisa-ação, de abordagem qualitativa e análise crítico-dialética. A premissa se concentrou em estabelecer um diálogo horizontalizado, permitindo, a partir de provocações vinculadas ao tema a ser trabalhado, um espaço de exposição de ideias pelos alunos, fazendo-os refletir sobre elementos chave da linguagem e da compreensão de fenômenos e processos que contribuem para a conformação do espaço geográfico. O material produzido nas aulas constituiu os dados primários que foram objeto de análise crítica de conteúdo do texto apresentado. Os resultados demonstraram que é possível sensibilizar e mediar reflexões críticas que permitam jovens estudantes verem o mundo por uma outra ótica, distinta daquela propagada pela grande mídia, orientada pela lógica capitalista. Observou-se, ainda, que os aprendentes construíram a compreensão de que só é possível pensar o Brasil através dos entrecruzamentos de todos os ciclos econômicos de acumulação espacial, e do reconhecimento de como os povos originários foram sufocados por esse processo perverso e contínuo, sendo imperativo recobrar o sentido de unicidade homem-natureza para superar a lógica capitalista e pensar outros mundos possíveis.

Palavras-chave: Questão Ambiental, Natureza, Ensino de Geografia, Semiárido.

ABSTRACT

The present work aims to discuss approaches to the environmental issue in geography in an integrated way with the curricular contents, with a view to thinking about the relationship between man and nature from the perception of Elementary School I students at Colégio Dominium, located in the city of Teofilândia, municipality that is part of the Sisal Identity Territory, semi-arid region of Bahia. Methodologically, the study is structured as action research, with a qualitative approach and critical-dialectic analysis. The premise focused on establishing a horizontal dialogue, allowing, based on provocations linked to the theme to be worked on, a space for students to display ideas, making them reflect on key elements of language and the understanding of phenomena and processes that contribute

¹Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia (UFBA); julianageosisal@gmail.com;

²Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia (UFBA); Docente no Instituto Federal da Bahia (IFBA). valdirene.ifba@gmail.com;

³Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia (UFBA); daiana.geo@outlook.com;

⁴Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia (UFBA); jjuniorlimas@gmail.com;

for the conformation of geographic space. The material produced in classes constituted the primary data that were subject to critical analysis of the content of the text presented. The results showed that it is possible to sensitize and mediate critical reflections that allow young students to see the world from another perspective, different from the one propagated by the mainstream media, guided by the capitalist logic. It was also observed that the learners built the understanding that it is only possible to think about Brazil through the intersections of all the economic cycles of spatial accumulation, and the recognition of how the native peoples were suffocated by this perverse and continuous process, being imperative to recover the sense of man-nature unicity to overcome the capitalist logic and think of other possible worlds.

Keywords: Environmental Issues, Nature, Geography Teaching, Semi-Arid.

INTRODUÇÃO

O avanço do capitalismo, no que diz respeito ao desenvolvimento das chamadas revoluções industriais, deixou uma marca indelével na sociedade. Construída sob o domínio do discurso da superioridade da técnica e tecnologia, acarretou um afastamento do homem em relação à natureza. A interligação entre eles, agora percebida como elementos distintos, passou a se configurar de maneira cada vez mais predatória, impulsionada pelo capital, o que se refletiu na dessacralização da natureza, rompendo o elo que unia o homem a ela (PROST, 2022).

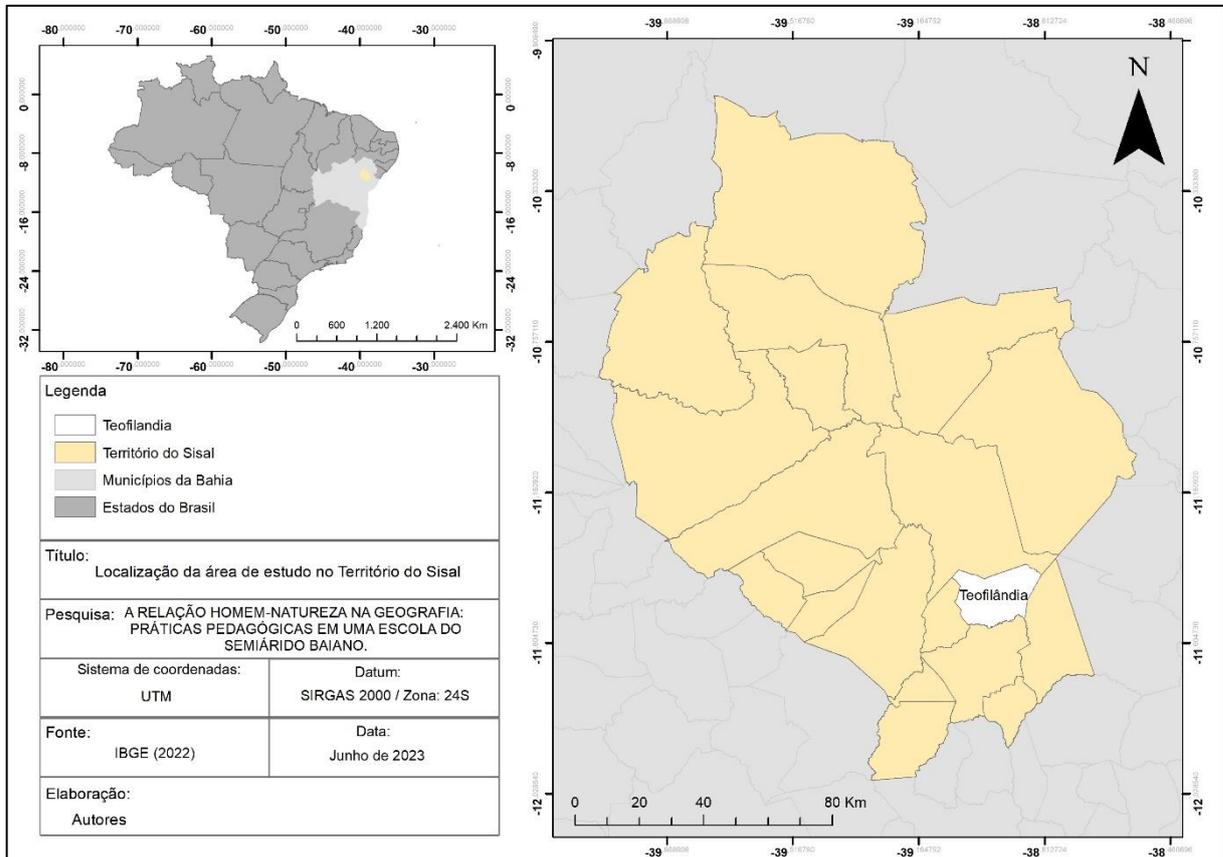
Nesse contexto, observa-se a valorização da natureza enquanto mercadoria, inserida em um contexto social que a transforma em objeto em diversas vertentes e serviços. Kopenawa (2015), em seu livro “A queda do céu”, oferece uma reflexão profunda sobre o poder devastador da chamada máquina civilizacional para os povos, criticando de maneira incisiva a noção de progresso e desenvolvimento, que são reflexos da ganância do homem branco.

Considerado o potencial da Geografia como uma ciência capaz de promover uma análise crítica e contextual do espaço, *lócus* da reprodução das relações sociais, as práticas pedagógicas vivenciadas durante as aulas de Geografia proporcionou a inserção e sensibilização dos estudantes no debate sobre a questão ambientais. Essas práticas têm como objetivo construir uma outra racionalidade ambiental (LEFF, 2014), baseada na superação de visões fragmentárias e, conseqüentemente, na reafirmação da importância dos saberes tradicionais. O objetivo é (re)pensar a relação entre sociedade e natureza.

Por meio dessa abordagem integrada, que não separa o homem da natureza, o presente trabalho tem como objetivo discutir os enfoques da questão ambiental na geografia de maneira integrada aos conteúdos curriculares. Isso será feito a partir a percepção dos

estudantes do Ensino Fundamental I do Colégio Dominium, situado na cidade de Teofilândia, município inserido no Território de Identidade do Sisal, no semiárido baiano (Figura 1).

Figura 1: Município de Teofilândia – Território do Sisal



Fonte: Elaborado pelos autores.

As percepções e concepções geográficas da natureza, a partir dessa perspectiva integrada, não apenas possibilitam a construção de uma consciência crítica em relação aos problemas ambientais, mas também podem servir como estímulo para a defesa da qualidade ambiental e o exercício da cidadania. Além disso, essa abordagem alinha-se aos objetivos da Lei 9.795/99 (BRASIL, 1999, p. 1), que orienta a Educação Ambiental como "um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo".

METODOLOGIA

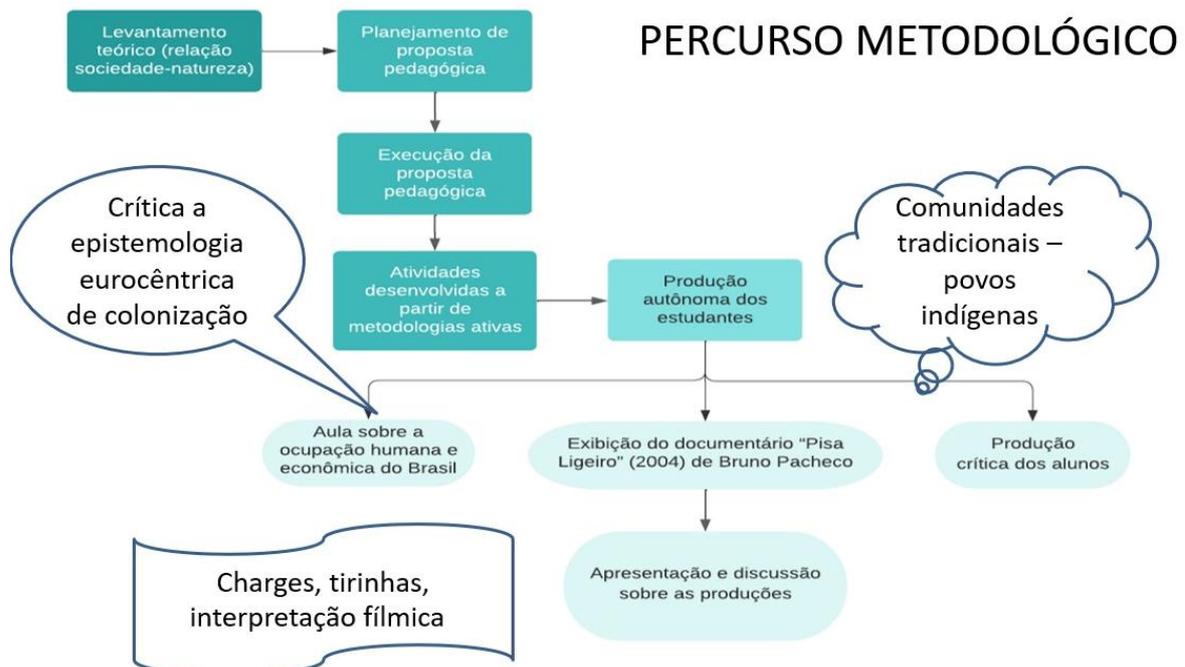
Metodologicamente, o estudo se configura como uma pesquisa-ação, de abordagem qualitativa e análise crítica-dialética. Este, fundamenta-se na concepção teórico-empírica; parte da abstração, quando percorre o terreno concreto das aulas de geografia e retorna à

análise e síntese, num processo dialético e dialógico (MINAYO, 2009). A função central consiste em estabelecer um diálogo horizontalizado, por meio de provocações vinculadas ao tema, portanto, um espaço para a expressão dos alunos, que incentiva a reflexão sobre elementos-chave da linguagem e da compreensão de especificidades e processos que moldam o espaço geográfico.

Inicialmente, foi planejado um levantamento teórico sobre as questões ambientais e a relação sociedade-natureza, explorou-se o tratamento do tema pela geografia. Essa etapa possibilitou a criação de uma nuvem de conceitos para facilitar a interação dialogada em sala de aula, estruturando o raciocínio geográfico relacionado à formação e ocupação econômica e social do Brasil. Isso ocorreu a partir da linha epistemológica crítica e reflexiva, que apoia essa formação nacional assentada na escravização dos povos originários e africanos, no racismo, genocídio e exploração predatória dos recursos naturais.

As atividades foram desenvolvidas em oito (8) aulas de Geografia, distribuídas nas três turmas de sétimo (7º) ano do Ensino Fundamental II. Foram utilizados recursos didáticos que buscaram contribuir com a construção de conhecimentos geográficos acerca do tema, de maneira significativa, criativa, atualizada e engajada. Partiu-se de temas geradores e discussões, lançando mão de metodologias ativas (FILATRO & CAVALCANTI, 2018), através de pesquisas, exposições orais, debate sobre notícias, análises de documentários.

Figura 2: Percurso e etapas metodológicas da pesquisa



Fonte: Elaborado pelos autores.



As atividades realizadas visaram conferir protagonismo à produção autônoma dos estudantes, conforme descrito:

a) Aula expositiva dialogada sobre o objeto de conhecimento "Ocupação humana e econômica do Brasil", com ênfase na análise dos ciclos econômicos que se desenvolveram no território desde o século XVI até o século XXI. Explorou-se como esse processo impactou os modos de vida dos povos originários e das demais comunidades tradicionais formadas ao longo da história econômica do Brasil.

b) Exibição do documentário "Pisa Ligeiro" (2004) de Bruno Pacheco, seguido por uma roda de conversa.

c) Produção crítica dos alunos sobre o entendimento da condição indígena e da importância dos povos originários na preservação de seus territórios. Isso envolve uma atividade escrita em dupla, além da criação de cards, charges, tirinhas, cartuns e poemas.

d) Apresentação e discussão das produções em formato de roda de conversa. O material gerado durante as aulas constituiu os dados primários que foram objeto de análise crítica de conteúdo (BARDIN, 1977).

REFERENCIAL TEÓRICO

A percepção de natureza não pode ser reduzida a uma soma de recursos naturais, mas, antes, deve ser compreendida de forma ampla e profunda. É preciso romper com a lógica dicotômica sociedade x natureza e com as ideias que nos partem ao meio (ambiente). Nesse sentido, Rui Moreira (2010, p. 133), elabora uma provocação que converge com a problemática que estrutura este estudo, ao questionar sobre a “forma de olhar o homem no mundo pela via do espaço”, “como olhar o mundo como mundo-do-homem se o espaço é dele um dado organicamente apartado?”.

Camargo (2005, p.78), nessa mesma linha, salienta que “perceber a interconectividade que envolve o homem e o meio natural é entender sua própria essência”. Silva (2001) e Krenak (2020), vão além ao dizer que “o Homem é natureza”, o que nos remete a uma relação simbiótica em que qualquer ação que venha a degradar a natureza, afetará o homem, “a menos que o espaço seja conceituado como realidade completamente separada da natureza” (SMITH, 1988, p.109). Tomasoni (2004) coaduna com os autores referenciados, à medida que defende

que a problemática da natureza não pode ser abordada isoladamente das reflexões sobre as relações sociedade e natureza, pois estão visceralmente imbricadas.

Ainda sobre a questão ambiental, Escobar (1995) afirma que a problematização dos modos de relação da sociedade com a natureza influenciou o surgimento de movimentos ambientalistas e diferentes discursos que não são verdadeiros nem falsos em si mesmos, mas produzem “efeitos de verdade”. O autor, em sua obra, discute alguns marcos históricos ambientais que teriam contribuído para dar visibilidade à questão. Ante ao exposto, observa-se um esforço institucional e político para garantir visibilidade ao debate ambiental global liderado por atores hegemônicos. Nessa lógica, surge a inquietação sobre como a sociedade, os povos, na sua cotidianidade, inserem-se em torno desse processo que, em partes, se mostra de forma espetacularizada e apropriada a partir de narrativas mercadológicas de ressignificação da natureza.

No que concerne ao ensino de Geografia, João Lima Sant’Anna Neto no texto “*O ensino de geografia física no limiar do século XXI: avaliações e perspectivas*”, ratifica a dificuldade epistemológica de se construir uma teoria que dê conta de ultrapassar o conflito metodológico dado pelas relações natureza/ sociedade, no contexto dos cursos de formação em Geografia. Assim essa fragilidade no que tange a integração entre geografia física e humana, ante a uma formação acadêmica fragmentada, chega no chão da escola com o mesmo sentido, a natureza e o homem como elementos apartados.

Superar essa dicotomização na formação seria um meio de superá-la também no ensino, assim o autor sinaliza que o caminho para essa ruptura poderia ser viabilizada pela perspectiva sistêmica, à luz da geografia física moderna, objetivando não escamotear a realidade com uma pseudo neutralidade científica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com intuito de discutir de forma crítica a formação econômica e social do Brasil, visando compreender como os estudantes percebiam esse processo e qual relação eram capazes de estabelecer com o tipo de colonização imposta nesse território, foram desenvolvidas atividades a partir do uso de metodologias ativas capazes de promover uma maior interação entre estudantes-estudantes e estudantes-professor, estimulando maior participação e o pensar e agir de forma autônoma.

A aula dialógica do conteúdo “*Ocupação humana e econômica do Brasil*”, inicialmente, buscou refletir sobre a formação territorial do Brasil, o entrelaçamento com os



ciclos econômicos e os impactos sobre o ambiente e o modo de vida dos povos originários e escravizados. Com vistas a esse debate, os estudantes puderam compreender o processo de expropriação que os indígenas foram expostos, inclusive na forma em que foram denominados pelos colonizadores. Discutiu-se também a mudança na linguagem, estereotipada, quanto a denominação dada a esses povos e as diversas violências sofrida por esse grupo étnico (Figura 03).

Figura 3: Painel com referências indígenas montado pelos estudantes



Fonte: Acervo da autora Juliana Araújo, 2023.

Após a aula expositiva dialogada, as turmas foram divididas em duplas a fim de que assistissem ao documentário *Pisa ligeiro* e respondessem a atividade centrada na análise fílmica (Figura 04).

Figura 4: Roteiro de atividade: análise fílmica

DISCIPLINA: GEOGRAFIA	7º ANO
ANÁLISE FÍLMICA - EM DUPLA	ENSINO FUNDAMENTAL
ALUNOS(A): <i>Willa, Ylla e Geovane Mendonça</i>	ETAPA: 1ª ETAPA
TURMA: A.B.7	TURNO: VESPERTINO
PROFESSORA: JULIANA ARAÚJO	DATA: 11/03/2023
TÍTULO DO DOCUMENTÁRIO: <i>San Aguiar</i>	Valor: 2,0 pontos
IDEIA CENTRAL (ASSUNTO ABORDADO): <i>A ideia central é a vida dos indígenas (povos originários).</i>	
<p>1. O documentário <i>Pisa Ligeiro</i> documentário desenvolvido junto ao povo Yanomami de Roraima, ameríndios do Pará e da Amazônia. A mensagem social é trazida pelo indígena Davi Yanomami que inicia o vídeo afirmando:</p> <p>a) a importância da cultura indígena e de como os governos vem garantindo direitos a esses povos. b) que a cultura indígena tem fortes traços da cultura sertaneja, principalmente no tocante a religiosidade. c) O cenário do filme se passa na região nordeste e centro-oeste. d) a importância da reprodução do documentário para repassar as informações a outras pessoas que não conhecem como os indígenas vivem, de problemas que enfrentam para proteger e permanecer no seu território.</p> <p>2. O indígena San Kaumava afirmou que eles vivem de forma harmoniosa com a natureza antes da chegada do povo branco e que o contato com o povo branco trouxe várias mudanças. Cite pelo menos 2 "mudanças" citada pelo indígena. <i>As mudanças foram que os povos brancos estavam invadindo as terras indígenas para eles, poluindo as rios e suas florestas matando os animais indígenas.</i></p> <p>3. O documentário enfatiza a importância de uma função social ambiental que representem as terras indígenas. A que se refere essa função social ambiental? d) preservação da natureza e da cultura de um povo que representa a origem do país. e) riqueza presente na terra indígena que pode impulsionar a economia do país. f) a presença de pedras preciosas na terras indígenas que podem ser usadas para melhorar a qualidade de vida dos povos indígenas. g) o sentimento religioso do povo indígena e sua preocupação com a educação para as crianças indígenas. h) Fazer trabalhar com as figuras do Cristo e de Nossa Senhora. i) Em uma das falas, o indígena Sempre Xerente esclarece a importância do conhecimento formal, ou dos chamados conhecimentos universais científicos para a luta indígena. Qual seria essa importância? <i>A importância seria para que os indígenas aprendessem a língua portuguesa, a cultura dos povos brancos, e deixassem eles em paz, além de não doarmos o Brasil deles.</i></p> <p>5. O documentário retrata uma caminhada onde os manifestantes entoam a música "Pisa ligeiro, quem não pode com fôrça não usa fôrça". Qual o objetivo da caminhada? <i>O objetivo era que os povos brancos parassem de invadir as terras dos indígenas, parassem de matar eles, e deixassem eles em paz, além de não doarmos o Brasil deles.</i></p> <p>6. Agora represente o que você entendeu ao assistir o documentário, ou represente uma cena através da construção de uma charge, tirinha ou poema.</p>	
Aprendizagem com diversão.	

Fonte: Acervo da autora Juliana Araújo, 2023.

O roteiro da atividade, além de questões dissertativas e objetivas, trazia um desafio de construção de uma representação imagética ou poética daquilo que foi compreendido a respeito das reflexões e denúncias apresentadas no documentário pelos representantes dos povos indígenas de diferentes regiões do país.

Através da análise das atividades pôde-se perceber que os estudantes entenderam os impactos do contato dos brancos europeus com os povos indígenas, e como estes não tiveram suas terras e modos de viver respeitados. Uma relação conflituosa que, tanto durante o período colonial quanto na conjuntura da modernidade, se assenta sob a égide capitalista, como mostra a resposta dada pela dupla de estudantes 01: “*os brancos estavam invadindo as terras, trazendo doenças para eles (os índios), poluindo solos e rios, e também matando os povos indígenas*”. No que tange a questão do desrespeito a cultura indígena e a tentativa de aculturação imposta pelo colonizador a dupla de estudantes 02 sinalizou: “*os povos que vinham de fora (...) estavam invadindo as terras indígenas e eles estavam sendo obrigados a ler e escrever, e os indígenas estavam sendo mortos*”.

A atividade escrita se constituiu como uma importante ferramenta para compreensão do repertório lexical construído pelos alunos a partir do contato com o tema, assim como da sua capacidade reflexiva e de coerência argumentativa. As produções dos estudantes foram diversas, todas as respostas estavam direcionadas a ratificação da necessidade em relação ao respeito aos direitos dos povos indígenas e às suas terras. Os alunos também ressaltaram a forma como o homem branco propagou nos territórios indígenas, desde a colonização, a cultura do medo, da opressão, da ganância e exploração.

Tendo em vista a questão proposta na atividade escrita, a qual consistia em desafiar o estudante a construir, a partir da compreensão acerca do documentário, uma charge, tirinha, poema, cordel, estimulando o desenvolvimento da criatividade, os alunos também demonstraram compreensão crítica e senso de alteridade a respeito do tema. As produções apresentadas oralmente em formato de roda de conversa foram agrupadas por temáticas, sendo elas: genocídio do povo indígena, cultura indígena e preservação ambiental, formação político-acadêmica para acessar espaços de poder, invasão dos territórios indígenas.

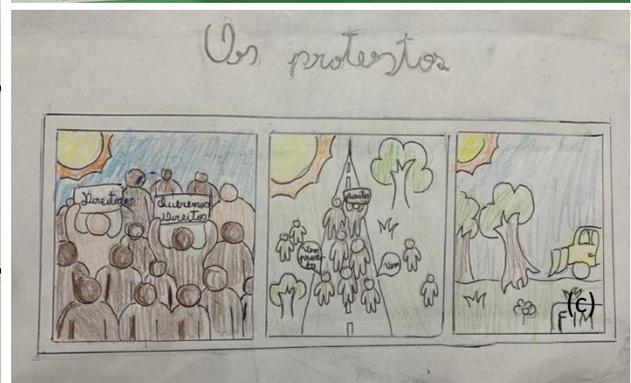
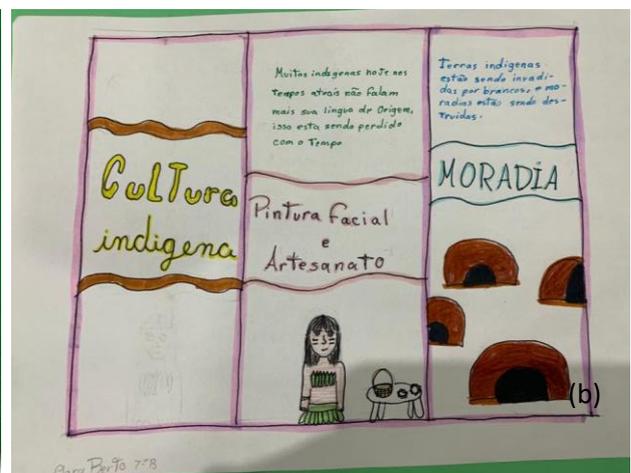
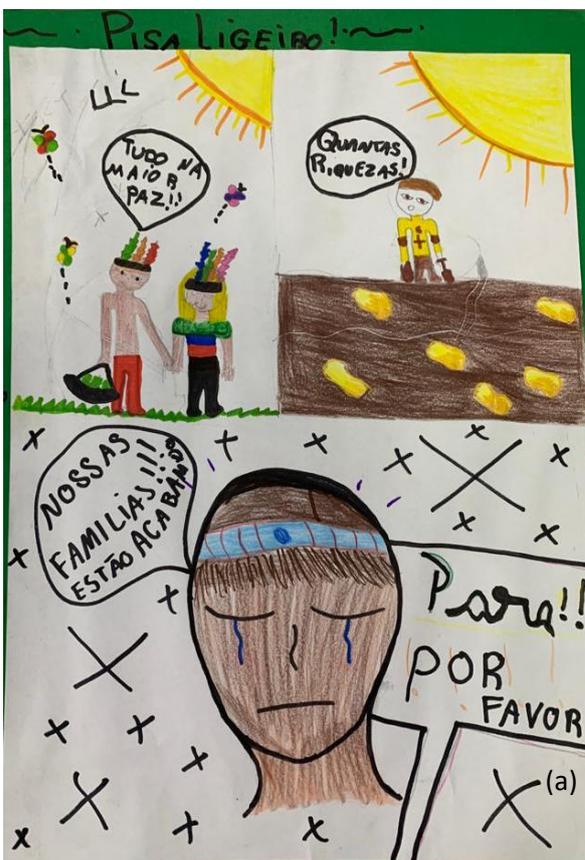
A compreensão da riqueza cultural indígena, assim como do impacto da colonização ficou evidente nas produções imagéticas, quando estudantes representaram o artesanato, moradias, através da valorização e percepção do modo de viver de alguns grupos (Figura 05 – a). A partir de questões levantadas no documentário, alguns alunos também pesquisaram dados demográficos e informações sobre a evolução da população indígena, desde o século

XVI até o século XXI, e concluíram o impacto da colonização e o contato com o “homem branco” para a vida dos povos indígenas como causador de mortes e sofrimento, a partir da ganância pela exploração de recursos naturais (Figura 05 – b).

O desenvolvimento dessa etapa da atividade coincidiu com a situação, amplamente noticiado pela mídia nacional e internacional, que vem impactando os povos Yanomamis, a qual teve forte repercussão em 2022. As circunstâncias vivenciadas pelos indígenas envolvem estupros, assassinatos de crianças, mortes por desnutrição e por doenças evitáveis, se constituindo como uma tragédia humanitária e sanitária. Na prática trata-se dos resultados da desarticulação dos programas de saúde direcionados ao atendimento dos povos indígenas, assim como o avanço do garimpo ilegal na região amazônica (MAPBIOMAS, 2020).

Os alunos também demonstraram forte percepção quanto a estas questões e muitos deles ratificaram a ideia de que o sistema econômico marcado pela superexploração, assim como a falta de amparo do governo aos povos indígenas se constituem como grande motor de ampliação da vulnerabilidade e genocídio destes povos (Figura 05 – c).

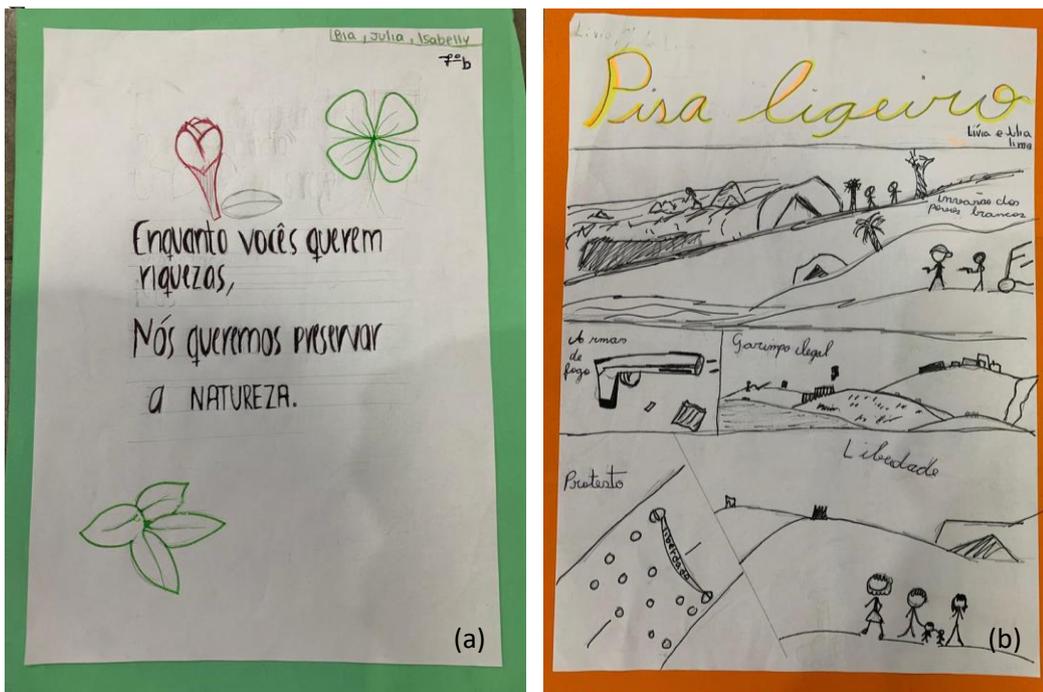
Figura 05: Produção dos estudantes: Cultura indígena e os impactos da invasão e exploração das suas terras.



Fonte: Acervo da autora Juliana Araújo, 2023.

Algumas produções também evidenciaram a diferença de percepção de mundo e natureza dos povos indígenas e do homem branco (Figura 06 a e b). A questão que foi abordada no documentário e amplamente debatida na roda de conversa a partir das contribuições de Krenak (2019), Kopenawa (2015).

Figura 06: Produção dos estudantes: Reflexão sobre a relação dos povos originários com a natureza e os reflexos da invasão de seus territórios.



Fonte: Acervo da autora Juliana Araújo, 2023.

Desmistificar a ideia do indígena na aldeia, e construir uma percepção e ratificação coletiva destes enquanto cidadãos brasileiros, dotados de direitos e deveres e que podem ocupar todos os espaços, assim como podem usufruir de tudo aquilo que o “homem branco moderno” usufrui, é imperativo para contribuir na formação de uma juventude capaz de refutar estereótipos de determinismo ligados aos povos originários.

Outro aspecto que teve forte representatividade nas produções didáticas concentrou-se no fato trazido na narrativa dos povos originários ao logo do documentário no que tange a importância da formação acadêmica e política, como estratégia para ocupar espaços, fortalecer a luta indígena, auxiliar na construção de ações públicas capazes de gerar transformações benéficas aos povos indígenas (Figura 07).



Figura 07: Produção dos estudantes: Formação política como fortalecimento da luta indígena



Fonte: Acervo da autora Juliana Araújo, 2023.

Orientado pela certeza do poder da educação em transformar atitudes e comportamentos, o esforço em desenvolver uma percepção crítica-reflexiva nos estudantes secundaristas acerca da cultura indígena e dos problemas enfrentados por esses povos também de estabeleceu como meio de introduzir a ideia de uma “nova” racionalidade ambiental, que segundo Leff (2004) é pautado na resignificação de valores e formas de conviver com a natureza.

Assim, pensar uma racionalidade alicerçada em princípios coletivos e na valorização dos diferentes saberes, sem perder de vista que o ser no mundo é um ser espacial (SERPA, 2022), coloca a Geografia, em função do reconhecido caráter de inter e multidisciplinaridade que permeia essa ciência, numa posição de destaque. Assim, a ciência geográfica não pode se isentar de trazer em seu bojo de análise a relação sociedade-natureza, através do compromisso de auxiliar na leitura da realidade materializada no espaço geográfico, de forma crítica, reflexiva e imbricada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que Escola é espaço de encontro, onde gente encontra com gente, a sala de aula é um universo de possibilidades e de construção, um lugar de esperar. Fazer uma transposição didática que seja capaz de dar coerência e aprofundamento adequado para as questões da formação socioespacial do Brasil, se mostrou desafiador.

Ao final da proposta, percebeu-se que é possível sensibilizar e mediar reflexões críticas, de modo que essas permitam estudantes e jovens verem o mundo por uma outra ótica, distinta daquela propagada pela grande mídia, orientada pela lógica capitalista. Dentre os trabalhos apresentados, notou-se um alinhamento de ideias, por parte dos alunos, em relação à necessidade de respeito aos direitos dos povos indígenas, a sua vida, cultura e aos seus territórios. Observou-se que não houve neutralidade na análise do tema proposto, do contrário, emergiram posicionamentos críticos e coesos. O espírito de coletividade e justiça ecoou nas diversas produções, e essas, denotaram imbricação e sensibilidade.

Depreende-se, dos resultados obtidos, que os aprendentes construíram a seguinte compreensão: só é possível pensar o Brasil através dos entrecruzamentos de todos os ciclos econômicos de acumulação espacial, e do reconhecimento de como os povos originários foram sufocados por esse processo perverso e contínuo. Para tanto, é imperativo recobrar o sentido de unicidade homem-natureza para superar a lógica capitalista e pensar outros mundos possíveis.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei no 9.795, de 27 de abril de 1999.** Dispõe sobre a educação ambiental, institui a política nacional de educação ambiental e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 28 abr. 1999.

CAMARGO, L.H.R; GUERRA, A.J.T. **A ruptura do meio ambiente:** Conhecendo as mudanças ambientais do planeta através de uma nova percepção da ciência: A geografia da complexidade. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 240 p.

CASTELLAR, S.M.V.. Educação geográfica: a formação é didática. In: MORAIS, E.M.B. LOÇANDRA, B.**Formação de professores:** conteúdos e metodologias no ensino de Geografia. Goiânia: Vieira, 2010.

CAVALCANTI, C.C.; FILATRO, A. **Metodologias inovativas na educação presencial, a distância e corporativa.** 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

ESCOBAR, Arturo. **El Desarrollo Sostenible:** Diálogo de Discursos, in Ecología Política, no. 6, 1995, p.7 – 25.

FARIAS, Rose. SAFLATLE, Leandro. JARDIM, Renata. Vozes da Floresta – Ailton Krenak. **YouTube.** 14 de Abril de 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=KRTJIh1os4w> . Acesso em: 04 mai 2021.



KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu. Palavras de um xamã Yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, 729 p.

KRENAK, A. Ideias para adiar o fim do mundo (1 ed.). São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental:** Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014.

MAPBIOMAS. Área ocupada pela mineração no Brasil cresce mais de 6 vezes entre 1985 e 2020. Reportagem. Disponível em: <<https://mapbiomas.org/area-ocupada-pela-mineracao-no-brasil-cresce-mais-de-6-vezes-entre-1985-e-2020> 2021>. Acesso em 10/10/2021.

MOREIRA, R. O mal-estar espacial no fim do século XX. In: MOREIRA, R. Pensar e Ser em Geografia. São Paulo: Contexto, 2010, p. 133-141.

MINAYO, Maria Cecília de Souza, GOMES, Suely Ferreira Deslandes Romeu. **Pesquisa Social:** Teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro, 26^a ed. Editora Vozes, 2007.

SMITH, N. **Desenvolvimento desigual.** Natureza, capital e a produção do espaço. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1988.

TOMASONI, Marco Antonio. Considerações sobre a abordagem da natureza na Geografia. In: SANTOS, Jémison Mattos (org) **Reflexões e Construções Geográficas Contemporâneas.** Salvador [Sn], 2004, p.11-35.